

A PRÁTICA DA LEITURA EM MATO GROSSO NO SÉCULO XX

Franceli Aparecida da Silva Mello (UFMT)

“Por muito que deva à memória coletiva é o indivíduo que recorda.”
Ecléa Bosi

RESUMO: Este artigo apresenta alguns resultados de uma pesquisa que tem como um de seus objetivos descrever as práticas de leitura em Mato Grosso no século XX. Para tanto, julgamos necessário investigar a formação do leitor, o papel das instituições e as circunstâncias estruturais que oportunizaram, ou não, tal prática em Mato Grosso.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, Mato Grosso, século XX.

ABSTRACT: This article presents some results of a research that has as one of its objectives to describe the reading practice in Mato Grosso in the 20th century. To do that, we think that it is necessary to investigate the making of a reader, the institution's function and the structural circumstances that gave opportunity, or not, for such practice in Mato Grosso.

KEYWORDS: reading, Mato Grosso, 20th century.

Introdução

Felizmente a reclamação que vimos fazendo desde o início de nossa pesquisa sobre a história da leitura em Mato Grosso, qual seja, a da inexistência de qualquer trabalho na área, começa a perder seu sentido. Recentemente uma professora da UFMT defendeu tese de doutorado sobre a história do ensino de leitura em Mato Grosso (Amâncio:2000), trazendo grande contribuição para elucidar aspectos de um tema ainda pouco estudado entre nós. Através do levantamento e análise de documentos oficiais, a autora demonstra como medidas institucionais e pedagógicas encetadas pelas reformas do ensino de 1910 e 1927 estavam atreladas ao projeto político de modernização do estado. Dentre as inovações promovidas pela reforma de 1910, a introdução de um método de ensino de leitura destaca-se pelo mérito de ter inaugurado um discurso sobre o tema que foi se consolidando com o passar do

tempo. A referida pesquisa toma por base o discurso institucional sobre o ensino de leitura, o que pode trazer limitações quando se procura ter uma noção de como tais medidas se concretizaram no cotidiano escolar. Para tanto seria necessário ouvir os sujeitos que atuaram na base deste projeto, ou seja, professores e alunos. Embora nossa investigação tenha adotado uma metodologia diversa da de Amâncio, cremos que ambas se complementam e, cada uma a seu modo, concorrem para o aprofundamento da discussão em torno da história da cultura letrada em Mato Grosso.

De acordo com Manguel (1997), para quem a história da leitura é a história de cada um dos leitores, não sendo possível sua elaboração sem o exame das intuições privadas e das circunstâncias particulares que condicionam tal atividade, nosso trabalho pretende que a história da leitura em Mato Grosso seja contada pela voz de personagens que atuaram efetivamente no processo de desenvolvimento cultural do estado e cujos relatos pessoais ajudam a reconstituir a memória da sociedade mato-grossense no que tange à prática da leitura. Assim, como metodologia básica da pesquisa optamos pela realização de entrevistas com um *corpus* selecionado de acordo com a representatividade no meio cultural mato-grossense e com a faixa etária dos informantes, este último critério justifica-se pelo desejo de fornecer uma noção do processo evolutivo das condições de leitura em Mato Grosso.

Primeiro contato com a leitura

No início do século XX o sistema de ensino em Mato Grosso encontrava-se bastante atrasado em relação ao resto do país. A pequena população do estado, dispersa num imenso território, enfrentava todo tipo de dificuldade de abastecimento devido ao isolamento. A despeito da reforma do ensino de 1910 ter implantado os primeiros grupos escolares, apenas uma pequena elite concentrada na capital e em algumas poucas cidades do interior beneficiou-se disso. À maioria dos mato-grossenses era vetado o acesso às instituições culturais e a material de leitura, este adquirido em viagens, sob encomenda ou, para os que moravam na capital, na única biblioteca pública, inaugurada em 1912, com 1000 volumes doados pela população cuiabana. Os grupos escolares, criados oficialmente pela lei nº 508 de 1908, só se concretizaram a partir de 1910 com a criação da Escola Modelo Barão de Melgaço e do Grupo Escolar Senador Azeredo, ambos na capital. Antes disso, a educação formal ficava sob a responsabilidade de instituições religiosas e das famílias. No interior do estado, onde a carência de professores habilitados era maior, era comum a prática de

aulas particulares nas casas de professores leigos que, em alguns casos, nem cobravam pelo trabalho.

Um entrevistado, nascido em 1920 em Couto de Magalhães (atualmente estado de Tocantins), nos conta que foi alfabetizado pela mãe e em seguida passou para uma escola mantida por um pastor evangélico:

P: _ E essa escola era particular?

R: _ Particular. Não havia... Eu me lembro bem que todas as escolas, parece que havia mais duas escolas, não me lembro bem, eram todas particulares. Não havia escola pública. Lá não havia escola pública.

Devido à extensão territorial do estado, durante muito tempo a escola isolada predominou sobre os grupos escolares. Em 1930, os 11 grupos existentes registraram 3.391 matrículas contra 5.334 das escolas isoladas, que eram em número de 175. Em sua *Mensagem* de 13 de maio de 1930, o presidente do estado, Annibal Toledo, mostra-se convencido de que o poder público não deveria investir nas escolas isoladas, cuja dificuldade de inspeção não permitia ao estado o controle da competência dos docentes, da propriedade das instalações e do material didático. Assim, a história de leitura de quem estudou na capital será diferente da de quem estudou no interior, principalmente para quem morou na zona rural, onde a instalação de escolas dependia muitas vezes da conveniência dos fazendeiros.

Na capital, Cuiabá, as coisas pareciam mais fáceis, já era possível encontrar um sistema escolar estruturado, e aqui cabe destacar o empenho extraordinário de alguns professores, cuja dedicação ao ensino extrapolava os limites de sua função.

Não obstante a reforma de 1910 ter proibido os castigos físicos, esta prática ainda permaneceu por muito tempo nas aulas de alfabetização. Através dos testemunhos de nossos informantes, no que diz respeito à aplicação do castigo físico, concluímos que não havia muita diferença entre o interior e a capital, apenas que nas escolas isoladas, talvez por estarem mais distantes da fiscalização dos inspetores de ensino, tal prática era mais explícita, como atesta a menção a objetos de punição (palmatória, régua, milho).

A implantação da reforma do ensino de 1910 foi muito lenta; vinte anos após sua decretação Mato Grosso contava com poucos grupos escolares em funcionamento. Desse modo, além da família e dos professores leigos, a contribuição da igreja e de religiosos foi fundamental para a formação educacional da população, principalmente dos mais pobres e/ou dos habitantes das regiões mais distantes da capital.

Menos recorrente que a menção aos primeiros alfabetizadores (pais, parentes e professores), mas também digna de nota, é a referência aos contadores de histórias como presenças marcantes no momento de iniciação à leitura. Alguns entrevistados atribuem o despertar de seu gosto pela leitura ao fato de terem ouvido narrativas contadas pelos avós, pais ou mesmo pela gente do povo, como é o caso das fazedoras de rede, que tanto encantaram uma de nossas informantes:

... tinha uma contadora de história que chamava Samarilzé, era a melhor pessoa do mundo nessa época pra gente, então eu procurava adoecer, pretexto né? Olha eu fui bem sem-vergonha, duas coisas que explorava: doença, presente e a vinda de Samarilzé contar história (...)

Eu gostava de todas, porque ela fantasiava, tudo punha a pessoa dela, sabe? Então ela contava que ela viu e o filho viram pessoalmente o Pé de Garrafa, que o Pé de Garrafa andou perto dela, ela andou por esses sertões aí, então diz que ouviu barulho de vidro (...) quando assusta, passa o Pé de Garrafa perto dela e do filho, ela rezou, rezou Creio em Deus Pai...

Formas de aquisição de leitura

Não só na infância, mas também quando adultos, muitos entrevistados referiram a oralidade como forma de acesso à leitura. Na primeira metade do século XX, Cuiabá ainda era uma capital provinciana, o hábito de reunir-se nas calçadas, nas praças para comentar os acontecimentos do dia, nos clubes e associações para ouvir conferências ou declamação de poesia, fazia parte do cotidiano da população letrada. As participantes do clube feminino Júlia Lopes, por exemplo, dirigiam-se à sede da agremiação aos domingos, após a missa, para **ouvir** música, poesia, leitura de crônicas ou mesmo piadas. A Academia Mato-grossense de Letras realizava saraus em que predominavam as manifestações orais da literatura, como nos relata um de seus participantes:

... estou falando da época, da década de 30 e 40 (...) aonde eu assistia na casa Barão de Melgaço um programa mensal que chamava Violeta Falada (...) lá havia dedilhar de pianos, declamações de poesias e palestras de homens ilustres (...) homens que cultivavam bem a língua e que demonstravam que eram homens de leitura (...) eles falavam baseados em leitura que tinham feito.

... Júlia Lopes, ela tinha uma filha chamada Margarida Lopes que declamava, veio várias vezes aqui em Cuiabá, era difícil trazer um artista em Cuiabá, uma poetisa para declamar...

O bispo Dom Aquino Corrêa é citado por mais de um entrevistado como figura de destaque no meio cultural da época também por sua habilidade oratória.

Com relação à aquisição de material impresso, há que se destacar a referência ao jornal como o primeiro e maior meio de acesso à leitura em Mato Grosso durante um determinado período¹¹. Numa época em que era praticamente impossível aos escritores locais publicarem seus livros, o jornal apresentava-se como a única forma de divulgar sua produção literária e científica. Ao lado dos muitos jornais constatou-se a presença de algumas revistas que também contribuíram para o movimento intelectual, a começar pelas clássicas revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a da Academia Matogrossense de Letras. Também merecem destaque as revistas *Violeta* e *Pindorama*, a primeira, uma publicação do Grêmio Feminino Júlia Lopes, a outra, do grupo que introduziu o Modernismo no estado.

Uma questão a ser considerada quando se fala em aquisição de material impresso em Mato Grosso é o desenvolvimento do sistema de comunicação com os centros de produção e distribuição desses produtos.

Nos primeiros decênios do século XX a capital do estado ainda encontrava-se bastante isolada do restante do país, o transporte para o Rio de Janeiro fazia-se por via fluvial e o percurso nunca demorava menos de 3 meses; apenas um telégrafo fazia a comunicação a distância.

Mas há os que consideram o lado positivo do isolamento, qual seja, ele estabeleceu uma comunicação com o exterior, deixando Cuiabá em vantagem em relação a outros centros mais próximos da capital federal.

Outro lado positivo do isolamento, segundo um entrevistado, estaria na preservação de um modo de vida mais agradável, longe da degradação trazida pelo progresso material.

Se para alguns entrevistados, os de maior poder aquisitivo, o isolamento não chega a se constituir em problema para a aquisição de livros e outros produtos da cultura erudita _ muitos deles herdaram boas bibliotecas dos pais e conseguiam se abastecer de livros nas constantes viagens aos grandes centros, através do reembolso postal, ou de encomendas a amigos _ para os menos favorecidos, o isolamento aumentava as dificuldades de acesso a qualquer material de leitura , levando-os a lançar mão de meios inusitados para consegui-lo, como nos informa uma entrevistada que vivia em Rosário Oeste:

Eu pegava constantemente pedaços de jornais nas ruas, rasgados, que estava jogado fora, porque eu gostava de ler, sempre gostei de ler.

Assim que se implantou a primeira reforma do ensino, o estado se encarregou de fornecer livros didáticos aos alunos do grupo escolar, os das escolas isoladas nem sempre tinham uma cartilha individual, geralmente a professora ditava ou copiava no quadro negro as lições da única cartilha da turma. Algumas delas chegavam a comprar livros com dinheiro de seu próprio bolso, como nos relata uma informante formada na segunda turma da Escola Normal, em 1915. As mães de classe média ou alta também lançaram mão de cartilhas para alfabetizar seus filhos, as mais pobres, entretanto, valiam-se de outros recursos, como, por exemplo, a utilização dos rótulos de embalagens de produtos industrializados como material de leitura. Outra forma de contornar a dificuldade para aquisição de livros era recorrer aos vendedores ambulantes, que batiam de porta em porta oferecendo principalmente enciclopédias e dicionários. Esta prática era mais comum no interior, onde até hoje dificilmente se encontra uma livraria. Na capital havia papelarias funcionando como livrarias, sem grande variedade, mas que atendiam encomendas. Em Cuiabá a primeira livraria propriamente dita surgiu após a fundação da Universidade Federal de Mato Grosso, pelas mãos de um de nossos entrevistados, livreiro profissional, com uma experiência anterior de 12 anos numa grande livraria de São Paulo. No rastro desta livraria surgida no *campus* da UFMT vieram outras boas livrarias para a capital, profissionalizando-se, assim, o comércio livreiro em Mato Grosso.

Embora façam distribuição em pontos de venda nas principais cidades do interior, as livrarias existentes em Mato Grosso concentram-se na capital. No interior a dificuldade de aquisição de material de leitura ainda persiste, embora menor nos últimos tempos com a melhoria do sistema de transportes, a agilização dos serviços de correio e o advento da internet.

A partir de 1950 Mato Grosso passa por um intenso processo de migração, fruto da política de colonização e povoamento implementada pelo governo de Fernando Correa da Costa. Uma das conseqüências disso foi o surgimento de novas cidades, o que estimulou a vinda de pessoas empreendedoras que contribuíram para a profissionalização do setor de venda e distribuição de material impresso. Em Rondonópolis, por exemplo, até meados dos anos 60, bares e lojas de armarinho eram os pontos de venda de livros e revistas. A assinatura de jornais foi incentivada pelo bispo da cidade, catarinense, que fez uma campanha pela assinatura do Estado de São Paulo, tendo conseguido 30 adesões. Em 1964 instala-se a primeira profissional do

ramo, D Cassilda, vinda de Campo Grande. Nessa época, a estrada que ligava Campo Grande a Rondonópolis não era asfaltada, isto fazia com que os jornais só chegassem no dia seguinte. Após a divisão do estado, D. Cassilda passou a adquirir sua mercadoria através de Cuiabá; a implantação de linhas aéreas regulares facilitou o transporte, mas a demora permanecia a mesma, pois havia o trajeto até Rondonópolis. O trabalho pioneiro de D. Cassilda foi de fundamental importância para a difusão de material de leitura no interior do estado. Também na capital a presença dos imigrantes contribuiu para a profissionalização dos setores ligados à cultura letrada.

Os jornais locais, apesar de sua relevância como o suporte de leitura mais acessível até a primeira metade do século XX, eram extremamente amadores, sendo em sua maioria tendenciosos, a serviço de um partido político ou dos interesses de um pequeno grupo profissional, religioso, comercial ou literário; tinham curta duração e tiragens pequenas. A política de incentivo à migração atraiu profissionais com outra mentalidade, contribuindo, assim, para a elevação do nível jornalístico e para o conseqüente aumento do número de leitores. Um de nossos entrevistados, cearense, que chegou em Cuiabá no final dos anos 50, narra sua experiência como editor do maior jornal da época:

... Quando eu assumi o controle do jornal, em 1961, o jornal devia até caneta, rapaz.

*...
Com a minha chegada, eu transformei o jornal em empresa.*

*...
Agora, com o jornal O Estado de Mato Grosso, na minha fase, eu fui o editor da imprensa de Mato Grosso que deu maior atenção à área cultural. Nós chegávamos a ter caderno [literário] de 8 páginas no jornal...*

A organização do Arquivo Público de Mato Grosso também teve a colaboração de uma migrante. Vinda do Rio Grande do Sul, em 1955, D. Vera, embora sem nenhuma formação na área, era professora, foi designada para trabalhar naquele órgão. Naquele tempo a carência de profissionais especializados levava governantes e funcionários a trabalharem na base do improvisado, mas já percebe-se, de ambas as partes, uma disposição para superar o amadorismo. O governo financiava cursos na área para os funcionários.

Outra forma de aquisição de material de leitura referida pelos entrevistados era através das bibliotecas públicas e/ou escolares. Os que estudaram em colégios religiosos, particulares, mencionam a

existência de bibliotecas “muito boas” ou apenas “razoáveis”; já os alunos das escolas públicas não se recordam da presença de bibliotecas nos estabelecimentos que freqüentaram, exceto os do Liceu Cuiabano que, segundo um entrevistado, tinha uma excelente biblioteca e um gabinete de física e química mais equipado do que os dos melhores colégios do Rio de Janeiro, onde foi professor. Alguns informantes declararam ter freqüentado a biblioteca pública, outros, entretanto, não o faziam por considerá-la desatualizada ou por ignorarem sua localização. A biblioteca pública de Cuiabá, inaugurada em 1912, ficou durante muito tempo sem endereço fixo, mudando constantemente de prédio e tendo seu acervo permanecido encaixotado durante um determinado período.

Alguns informantes mencionam, ainda, a existência de uma biblioteca volante em Cuiabá no final dos anos 60. Esta iniciativa da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, contudo, foi um programa de curta duração. A menos que estejamos muito equivocados, a impressão que se tem é a de que nunca houve da parte dos governantes mato-grossenses uma grande preocupação relativa à instalação de bibliotecas no estado. Tudo sempre foi feito de forma bastante amadora e improvisada e esta foi, por um bom tempo, a marca da biblioteca pública de Cuiabá que, tanto à época de sua criação como em seu cinquentenário, teve de recorrer a doações para a composição e ampliação de seu acervo.

O descaso para com a biblioteca pública permanece até os dias atuais; em recente matéria intitulada “Festa das traças”, a revista *Veja* publicou um perfil das maiores bibliotecas públicas de 5 capitais brasileiras em que a Biblioteca Pública de Mato Grosso destaca-se pela precariedade.

O último censo do IBGE registrou em Mato Grosso a existência de 801 bibliotecas entre públicas e escolares, o que dá aproximadamente uma biblioteca para cada 3.123 pessoas; dos 126 municípios do estado, 27 não possuem biblioteca pública. Se compararmos com os dados da década de 1950, quando tínhamos uma biblioteca para cada 9.322 pessoas, veremos que a situação melhorou, mas ainda está longe de ser a ideal.

Quanto a bibliotecas escolares, a situação também não é diferente; das 3.694 unidades escolares existentes no estado, apenas 682 possuem biblioteca, ainda assim, a maioria delas funcionando de maneira precária.

No que tange à distribuição das obras dos autores locais, a precariedade do sistema termina por restringir o acesso ao ponto de constituir-se em fator responsável pelo acanhamento do movimento literário em Mato Grosso.

Ler para quê?

Além das funções óbvias de alfabetizar, informar, distrair, formar profissionalmente, quando questionados sobre a importância da prática da leitura em suas vidas, nossos entrevistados elencaram outros aspectos igualmente relevantes como, por exemplo, a leitura como um lenitivo para a solidão, acentuada pela falta de opções de lazer; a leitura como forma de evasão também foi bastante mencionada.

Muitos entrevistados apontaram a leitura de obras de cunho social como responsáveis pela sua formação política e ideológica e um deles chegou a referir-se à leitura como arma para a conquista de sua cidadania:

... a leitura para mim me deu um conhecimento de 80%, em sala de aula, talvez eu não aprendi nem 10% (...) Além de me dar esse conhecimento, me dá sustento, só para dar um exemplo, hoje Paulo Speller, que é reitor, quando fala comigo, me respeita, porque ele sabe que eu tenho alguma bagagem, sustento, subsídio para você enfrentar qualquer um que você quiser.

Um depoimento surpreendente foi o de um entrevistado para quem a leitura serviu para espantar a fome:

... Eu saía de casa aproximadamente 5:30h da manhã, pegava o trem 6:00h e entrava na livraria para iniciar o trabalho 8:00h da manhã e saía depois que todo mundo saía.

(...)

... na hora do almoço eu tinha dificuldade em me alimentar, eu não tinha o que comer (...) Então, como nós não tínhamos o que comer, nós ficávamos dentro da empresa e ali ficava fazendo a limpeza, lendo, observando e tanto é que um ano depois que eu estava lá, um ano e pouco, eu fiquei no lugar, vamos dizer assim, do melhor vendedor que a empresa tinha.

Onde? Como?

Inquiridos quanto ao local preferido para a prática da leitura, a maioria mencionou a biblioteca, pelas mais diferentes razões. Para os que tinham biblioteca particular, pela comodidade, para os que não a possuíam, por ser a única possibilidade de acesso às obras de seu interesse pessoal ou profissional. A leitura na biblioteca também foi utilizada por um de nossos informantes como estratégia para burlar a vigilância da polícia política nos anos da ditadura militar:

Naquele tempo estava na moda Sartre, Simone de Beauvoir, estava muito na moda, qualquer um que lesse um daqueles dois estava dominado, quem tirasse aqueles livros estava mal visto, estava no index da revolução.

Não só a censura institucional reprimia a leitura; havia também as proibições familiares que obrigavam o leitor a recorrer a artifícios para driblá-las.

O clima também é um dos fatores a serem considerados quando se trata da prática de leitura em Mato Grosso, pois o calor intenso que determina certos hábitos culturais, como o das reuniões ao ar livre, a prática do quilo (sesta depois do almoço), parece influenciar na escolha de lugares e maneiras confortáveis para ler. Desse modo, a rede e a cadeira de fio, instalados dentro de casa ou nos quintais, aparecem como os locais prediletos para a prática da leitura. Para seu maior conforto nossos entrevistados preferem as horas mais frescas do dia para a leitura solitária e silenciosa. Apenas dois entrevistados disseram praticar, ainda na idade adulta, a leitura oral, provavelmente uma reminiscência de um hábito adquirido no tempo do seminário, quando eram obrigados a ler em voz alta para praticar a retórica.

Quanto à maneira de se relacionar fisicamente com o objeto de leitura, mais de um entrevistado referiu a prática de fazer anotações nas margens do texto, sublinhar passagens interessantes, sentir a textura do papel, cheirá-lo, ou mesmo “ler” as marcas de leitura deixadas pelos leitores que lhe antecederam:

Eu tive oportunidade de ler o mesmo livro que os meus pais leram, de viver uma parte da infância deles, inclusive com a ortografia antiga, as mesmas páginas que eles manuseavam eu pude manusear (...) a gente tem um objeto pessoal pra gente tocar, pra gente ver notas, pra gente ver marcas da leitura dos outros lá (...) Então, o livro é uma coisa que tem uma dedicatória, tem passagens comentadas (...) Pode depois usar como ele para se comunicar com os pais, ou com os avós, ou com os amigos.

Também observou-se, entre os entrevistados mais jovens, o hábito de ler mais de uma obra simultaneamente, provavelmente um reflexo do maior dinamismo e diversidade da vida moderna.

Autores e obras

Nenhuma pesquisa como esta que ora apresentamos pode ter a pretensão de fornecer uma representação exata do universo de seus informantes. Como estamos tratando com relatos pessoais, devemos levar em consideração os fatores subjetivos que interferem neste tipo de abordagem. Um deles é o que Pierre Bourdieu chama de “efeito de legitimidade”, por exemplo, quando interrogado sobre o que lê, o informante pode selecionar entre as leituras praticadas aquilo que considera digno de ser declarado, ou seja, a leitura que lhe parece mais prestigiada socialmente, omitindo, deliberadamente ou não, a frequência a textos que julga insignificantes ou que possam depor contra sua condição intelectual. Para Bourdieu as declarações são extremamente suspeitas e os historiadores deveriam desconfiar dos testemunhos biográficos ou outros nos quais as pessoas declaram suas leituras (1996: 236). Outro fator a ser considerado são os lapsos de memória dos entrevistados. Assim, devemos estar cientes de que os autores e textos aqui referidos não representam a totalidade das leituras praticadas pelos entrevistados, certamente foi lido muito mais do que o declarado na entrevista, entretanto, para nós, o fato de tais menções virem à tona é significativo na medida em que revela sua importância por um ou outro motivo em sua trajetória de leitor.

Quanto à leitura mais freqüente, o jornal foi o mais citado pela maioria dos informantes, figurando, ainda hoje, como o principal suporte de leitura dos cidadãos mato-grossenses. A facilidade de acesso e a avidez por manter-se informado parecem justificar esta preferência. Em seguida surgem as revistas das mais variadas linhas editoriais. Dentre as mais citadas destacam-se as revistas *Manchete*, *Cruzeiro*, *Família Cristã*, no passado, e a revista *Veja*, na atualidade. Os chamados “gibis” e/ou as histórias em quadrinhos também foram insistentemente apontados como leitura marcante na infância de nossos informantes. De onde pode-se concluir uma preferência pela leitura informativa, rápida e digerível. Apenas 3 entrevistados utilizam-se da internet como suporte de leitura, ainda assim, como complemento da leitura dos periódicos citados.

Entre as recordações de leituras feitas na infância e adolescência figuram, ainda, as cartilhas, as antologias escolares, os romances recomendados pelos professores de literatura, os romances históricos, as obras filosóficas e as religiosas, estas duas últimas marcantes na vida dos que estudaram em colégios religiosos.

Quanto aos autores mais citados, Machado de Assis aparece em primeiro lugar; uma de nossas informantes revela que a leitura de sua obra transformou seu gosto, e sua prática, literários para sempre:

... quando eu li Machado de Assis (...) desvalorizou para mim aquele gongorismo, aquele chuva de palavras sem conteúdos, porque aqui se dava conteúdos com poucas palavras, palavras certas, e foi uma coisa que me tocou...

Como escritora e membro da Academia Mato-grossense de Letras, uma associação que até pouco tempo cultuava a verbosidade e o preciosismo vocabular, esta informante figura como uma das poucas exceções, repudiando o estilo de “efeito” em favor de uma linguagem mais despojada, à maneira do escritor que tanto marcou sua vida de leitora.¹²

Seguindo de perto Machado de Assis, temos Monteiro Lobato como o autor mais citado por nossos entrevistados. Para muitos deles, Lobato foi o responsável pela sua formação de leitor, já que foi lido na infância; outro fato que parece ter determinado a preferência pelo autor foi a identificação com o ambiente rural, bastante conhecido de nossos informantes.

José de Alencar aparece em terceiro lugar, talvez pelo mesmo motivo de Lobato, já que suas obras mais citadas são os romances sertanejos, ou pelo fato de ser leitura escolar obrigatória. Jorge Amado, o quarto colocado, foi para alguns a leitura proibida da adolescência, considerada pornográfica pelos pais. Na idade adulta, seus romances políticos influenciaram a postura ideológica de alguns de seus leitores.

Entre os poetas, o mais citado foi Olavo Bilac, presença obrigatória nas antologias escolares na época em que muitos dos entrevistados estudaram, alguns deles também mencionaram o Bilac prosador, outra leitura escolar, pois os livros do autor, *Contos Pátrios* e *Poesias Infantis*, foram comprados pelo governo e fornecido às escolas de Mato Grosso em 1920 e 1925.

A Bíblia Sagrada foi o título mais citado. Quanto ao gênero, verificou-se uma predileção pelo romance histórico e, em alguns casos, pela literatura mato-grossense histórica e/ou ficcional.

Além da necessidade de conhecer melhor o lugar que escolheram para viver (caso dos imigrantes), o alto índice de referências à leitura de autores locais talvez se explique pelo fato de a maioria dos informantes pertencer à Academia Mato-grossense de Letras, instituição que distribui as obras produzidas entre seus membros, sendo, portanto, natural que estes leiam os livros de seus pares; mas isto não reflete necessariamente a postura dos demais leitores mato-grossenses.

A presença da UFMT

A Universidade Federal de Mato Grosso é uma instituição relativamente nova no contexto cultural mato-grossense, contudo, o impacto de sua presença no que diz respeito à prática da leitura fez-se sentir desde os primeiros momentos de sua fundação. Criada com o propósito político de favorecer a divisão do estado, sua missão inicial era a de ocupar espaço e promover o desenvolvimento regional, passando, em seguida, a influir nas práticas culturais da população, principalmente no que tange à cultura letrada. Vimos acima que a primeira livraria especializada de Cuiabá surgiu de uma banca de livros instalada no *campus* da UFMT. A criação da editora universitária também foi fundamental para ampliar o conhecimento sobre a região, na medida em que oportunizou a publicação de obras fictícias e de pesquisa científica dos autores locais. Muitos de nossos entrevistados consideram a criação da UFMT como um marco muito importante para a modernização do estado e, mais especificamente, para a democratização da prática da leitura, antes privilégio de uma pequena elite intelectual.

Além de, com seu exemplo, contribuir para que outras instituições investissem na publicação das obras de autores mato-grossenses, a universidade federal abriu caminho para a instalação de universidades privadas, ampliando, assim o número de leitores entre estudantes e professores de nível superior.

Segundo o depoimento de um de nossos entrevistados, a universidade também contribuiu para minimizar o isolamento da região em relação ao resto do país, assim como muitos vieram, outros que foram fazer suas especializações, mestrado, doutorado, voltaram com idéias e posturas acadêmicas renovadas. Uma conseqüência deste intercâmbio foi a incorporação da pesquisa entre os procedimentos acadêmicos regulares, o que levou professores e alunos aos arquivos e às bibliotecas.

A pesquisa universitária mudou a mentalidade provinciana em relação aos documentos históricos, antes tratados com amorosismo (temos relatos de pessoas que roubavam, escondiam, desviavam documentos de arquivos e bibliotecas públicos para impedir o acesso a outros pesquisadores).

Alguns entrevistados, no entanto, têm opinião diferente quanto ao papel exercido pela UFMT na vida cultural da região:

No começo ela era um corpo estranho e a sociedade era muito provinciana, meia dúzia de pessoas achava que tinha que ter a universidade, é que a força dela dava um discurso tecnológico (...) a sociedade não tem com a universidade uma simbiose. (...)

Quando veio, quando acabou o regime militar em 85 (...) a universidade começa a crescer junto com o crescimento do estado e começa a chegar gente de fora, ela aumenta os cursos, aumenta o número de vagas...

E da parte de professores e ex-alunos podemos ouvir reclamações que já se tornaram comuns em relação ao ensino em geral, não apenas em Mato Grosso.

... os nossos próprios docentes não são leitores e isso dificulta o conhecimento, não incentiva o aluno (...) por que será que nossos alunos não gostam de leitura? (...) Você vai na biblioteca e dificilmente você vê algum acadêmico, você vê mas não é aquilo que você espera, porque eu vejo, por exemplo, um acervo bibliotecário é um lugar que todo mundo deveria freqüentar diariamente...

Estas opiniões divergentes em relação à presença da universidade na história de leitura dos mato-grossenses parece justificar-se pela enorme diferença de idade entre os entrevistados. Os primeiros depoimentos são de entrevistados que viveram numa Cuiabá pequena, provinciana, onde predominava a prática da oralidade e uma pequena elite que tinha acesso à cultura letrada passava nos primeiros lugares dos vestibulares no Rio de Janeiro, como afirma um de nossos entrevistados. Os últimos depoimentos testemunham os dias atuais em que à democratização do ensino parece corresponder a sua baixa qualidade.

A tomarmos os depoimentos acima como representativos de uma situação geral, somos levados a concluir que a despeito das dificuldades, a prática da leitura só cresceu em Mato Grosso, o que, em princípio, é muito bom. Mas teria crescido o suficiente?

Considerações finais

O apresentado até aqui deve ser considerado como uma abordagem inicial sobre as práticas de leitura em Mato Grosso. Permanecem inúmeras lacunas que, esperamos, serão preenchidas com o aprofundamento do trabalho pela nossa equipe de pesquisadores. Há que se registrar outras presenças, como, por exemplo, a do leitor comum, isto é, aquele pertencente a grupos sociais e categorias profissionais diferentes das investigadas até o momento; a do leitor jovem, o universitário¹³, o secundarista, a criança; a dos editores e

distribuidores de material de leitura; em relação a este último item, cremos ser necessário entrevistar um ou mais vendedores ambulantes de livros que, no caso específico do estado de Mato Grosso, parece ter tido um papel importante para a formação do leitor, principalmente daquele habitante das regiões mais distantes da capital. Também julgamos interessante proceder a uma investigação metódica sobre a questão do papel da Universidade Federal de Mato Grosso como geradora de ações relacionadas à promoção da leitura, como venda de livros, edição, pesquisa, criação de universidades privadas, desenvolvimento da imprensa, etc. Outro aspecto que, temos certeza, vale a pena ser aprofundado, são as condições oferecidas para a produção literária no estado. Vejamos o depoimento de um nosso entrevistado:

... eu não acho que valha a pena produzir livros aqui, mil livros que ninguém vai ler, vai ficar uns 800 encalhados aqui em casa, então eu não acho que valha a pena fazer livro. (...) a produção cultural é pequena, porque a leitura é pequena. Então, é curioso fazer livro aqui em Mato Grosso.

Não obstante tal pessimismo, existe produção literária em Mato Grosso e a contribuição dos escritores para a conformação do quadro da história da leitura é outro tema que nos propomos a investigar futuramente.

Bibliografia

- ABREU, M. (org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.
- AMÂNCIO, L. N. de B. *Ensino de leitura na escola primária no Mato Grosso: contribuição para o estudo de aspectos de um discurso institucional no início do século XX*. Tese de doutoramento. UNESP. Marília, 2000.
- BOSI, E. *Memória e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAMPOS, F. V. de. *Retrato de Mato Grosso*. 2ª ed. São Paulo: Brasil-Oeste Editora Ltda , 1960.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria literária*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- CAVALLO, G. & CHARTIER, R. (orgs). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999. 2v.
- COSTA, H. S. da. *Bibliotecas do centro-oeste do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1953.
- LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- MAGALHÃES, H.G.D. *História da literatura de Mato Grosso: Século XX*. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PALMA, M. L. C. *Discursos de posse de imortais* (Academia Mato-grossense de Letras). Cuiabá: EdUFMT, 2002.
- PÓVOAS, L. C. *História da cultura mato-grossense*. 2ª ed. São Paulo: Editora Resenha Ltda, 1994.
- SIQUEIRA, E. M. *A trajetória da Biblioteca Pública de Mato Grosso e a figura de Estêvão de Mendonça*. Palestra proferida em cerimônia de comemoração do 88º aniversário da Biblioteca Pública de Mato Grosso. Cuiabá, 2000.
- SITE do Anuário Estatístico de Mato Grosso: www.mt.gov.br
- SITE do IBGE: www.ibge.gov.br
- SITE do Projeto Memória de Leitura: www.unicamp.br/iel/memoria